

'Trabalhamos com um Exército de Brancaleone'

Ministro garante que as prioridades do Governo são aprimorar o ensino básico e intensificar o treinamento profissional

ENTREVISTA

Paulo Paiva

Ministro do Trabalho, Paulo Paiva, está alarmado com o baixo nível de qualificação do trabalhador brasileiro. Na era da globalização, 70% dos 70 milhões de trabalhadores não concluíram se-

colaridade média dos 70 milhões de trabalhadores que compõem a População Economicamente Ativa (PEA) é de apenas 5 anos, compatível com países como o Paraguai. Estamos na lanterna entre os países do Mercosul. O resultado é muito baixo porque computa os trabalhadores mais velhos, que têm um nível de educação mais baixo. À medida em que entra gente mais jovem, o nível de educação aumenta. Trabalhamos com um verdadeiro Exército de Brancaleone.

quer o Primeiro Grau. O nível de escolaridade da população é de apenas 5 anos enquanto, em países como a Argentina, a média é de quase 9 anos.

— Trabalhamos com um Exército de Brancaleone — brinca o ministro. Ele diz que a prioridade é melhorar a edu-

cação do trabalhador e para isso, o Governo em duas vertentes: o ensino supletivo e os cursos de treinamento profissional. As metas são ambiciosas: até o fim de 1999, o Governo quer que todos os trabalhadores brasileiros tenham pelo menos a 4ª série do Primeiro Grau.

Rossana Alves

O GLOBO: Como o senhor situa o trabalhador brasileiro no mercado de trabalho mundial?

PAULO PAIVA: Até a Segunda Guerra Mundial, a indústria trabalhava com linha de montagem, onde a velocidade do trabalhador na realização da tarefa era o mais importante. A produtividade era medida pela quantidade de movimentos repetitivos do trabalhador, como nos "Tempos Modernos" de Chaplin. A pessoa aprendia a ser torneiro mecânico e só fazia aquilo.

• O que mudou no Pós-Guerra?

PAIVA: A indústria passou a trabalhar com o modelo japonês, implantado inicialmente pela Toyota. Com os robôs e instrumentos de controle numérico nas empresas, a produtividade passou a depender da inteligência e da formação profissional do quadro de pessoal. O trabalhador não é mais um apertador de parafusos, mas passa a trabalhar com várias máquinas e tem a capacidade de tomar decisões. Até o sistema de remuneração mudou. Agora, o salário tem uma parcela variável de acordo com a produtividade.

• O Brasil está preparado para o desafio da globalização?

PAIVA: Por enquanto, não. A es-

colaridade média dos 70 milhões de trabalhadores que compõem a População Economicamente Ativa (PEA) é de apenas 5 anos, compatível com países como o Paraguai. Estamos na lanterna entre os países do Mercosul. O resultado é muito baixo porque computa os trabalhadores mais velhos, que têm um nível de educação mais baixo. À medida em que entra gente mais jovem, o nível de educação aumenta. Trabalhamos com um verdadeiro Exército de Brancaleone.

• O que o Governo, particularmente o ministério, está fazendo para reverter este quadro?

PAIVA: O objetivo é o ensino básico. Queremos massificar o ensino supletivo, pois hoje existem quase 50 milhões de trabalhadores no país que não conseguiram completar o Primeiro Grau. Numa parceria com as entidades de formação profissional (Sesi, Sesc, Sest e Senar), Sebrae, centrais sindicais, confederações de trabalhadores, Fundação Roquete Pinto e Fundação Roberto Marinho, vamos desenvolver programas para garantir que até a virada do século todos os trabalhadores tenham pelo menos a quarta série do Primeiro Grau.

• Como atingir esta meta?

PAIVA: Será montado um fundo,

composto por dinheiro do Governo e das confederações. Nos próximos três anos, o ministério vai entrar com R\$ 100 milhões e as confederações com R\$ 400 milhões. O Sesi montou um curso que permitirá ao trabalhador fazer os oito anos do Primeiro Grau em apenas oito meses.

• As empresas vão participar?

PAIVA: As grandes empresas já estão adotando cursos supletivos para oferecer formação básica aos funcionários. Neste ano, fui paraninfo de uma turma de 954 funcionários da Mercedes Benz. Quem trabalhava pela manhã, almoçava e ia para a sala de aula à tarde. Quem trabalhava à tarde, frequentava aulas pela manhã no Sesi de São Paulo. A Volks e a Fiat também vêm investindo.

• Como fazer para atingir os empregados de micro e pequenas empresas?

PAIVA: A partir de junho do ano que vem, o ministério passará a operar a Rede Nacional do Trabalhador, um canal exclusivo da Fundação Roquete Pinto que vai utilizar o programa supletivo da Fundação Roberto Marinho. Até o fim de 97, queremos pôr em funcionamento 35 mil pontos de recepção em sindicatos, empresas, escolas técnicas, universidades, igrejas e nos balcões do Sebrae.

Lá os trabalhadores poderão se reunir para assistir às aulas.

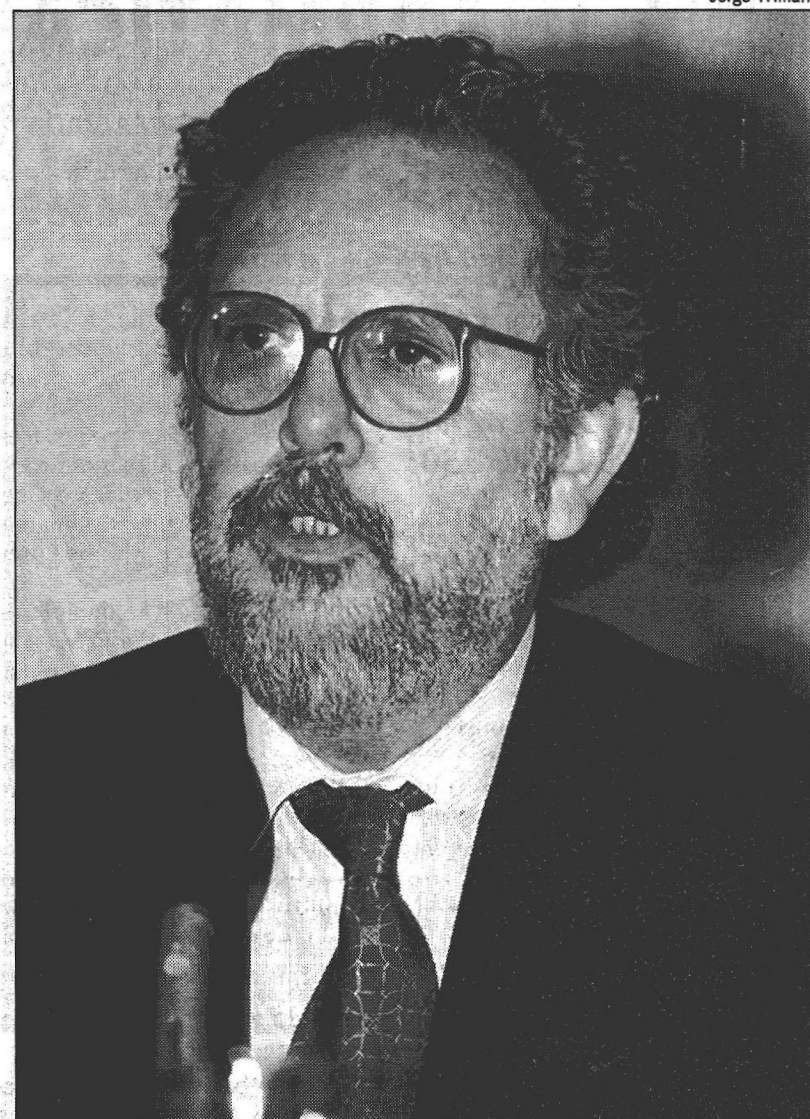
• Como melhorar a qualificação profissional?

PAIVA: Com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), o Governo está investindo neste ano R\$ 300 milhões para treinar cerca de um milhão de trabalhadores. O programa está previsto para durar até 1999. No ano que vem, vamos aplicar mais R\$ 320 milhões e pretendemos treinar cerca de 1,5 milhão de pessoas, pois estamos fazendo parcerias com várias entidades. Se agregarmos a isto os 3,5 milhões de trabalhadores que frequentam anualmente os cursos do Sesi, Sesc, Sest e Senar, temos 5 milhões de trabalhadores recebendo qualificação profissional.

• Como funciona o sistema idealizado pelo Governo?

PAIVA: O ministério repassa o dinheiro para os Governos estaduais que, por sua vez, escolhem as entidades da sociedade civil que vão ministrar os cursos. Para aderir ao sistema, os governos terão que entrar com mais 20% e as entidades com outros 20%. Podem ser sindicatos, ONGs, universidades, escolas técnicas. Já existem mais de mil entidades cadastradas pelas Secretarias de Trabalho estaduais. ■

Jorge William



PAULO PAIVA diz que acabou a era do trabalhador que só aperta parafusos